



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**A SÉRIE DOS REIS DE RUTH ROCHA: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE
PODER**

GESSIMARA CARNEIRO FERREIRA

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2017**

GESSIMARA CARNEIRO FERREIRA

**A SÉRIE DOS REIS DE RUTH ROCHA: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE
PODER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva.

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F383s Ferreira, Gessimara Carneiro.
A série dos reis de Ruth Rocha: uma análise das relações de poder. [manuscrito] : / Gessimara Carneiro Ferreira. - 2017.
26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Vaneide Lima Silva, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

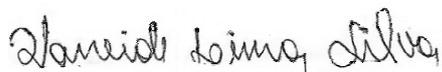
1. Narrativa Infantil. 2. Ruth Rocha. 3. Poder.

21. ed. CDD 801.95

A SÉRIE DOS REIS DE RUTH ROCHA: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE PODER

GESSIMARA CARNEIRO FERREIRA

APROVADO EM: 15 de Dezembro de 2017



Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV



Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes
Examinador - UEPB/CAMPUS IV



Profa. Ma. Aldenice Barbosa dos Santos
Examinadora – Profa. Educação Básica do Estado

Dedico este trabalho a minha avó Luiza Bezerra (In Memória) pois, ela foi minha base para realização desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me proporcionado a benção da realização deste trabalho.

A toda minha família por cada palavra de incentivo e ajuda, as quais me faziam acreditar e persistir na realização desse sonho, mas exclusivamente a minha avó (In Memória), pois ela foi o motivo pelo o qual estou concluindo este ciclo, sempre me apoiava durante a jornada, aos meus pais que sempre fizeram de tudo para que eu pudesse chegar até essa conquista.

Agradeço, também, a todos os amigos (as) em especial aos que fiz ao longo da trajetória acadêmica e que sempre me apoiaram, deram forças e incentivos para que eu conseguisse.

À Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), todo seu corpo docente e funcionários em geral por proporcionar momentos e conhecimentos significantes, que contribuirão para toda minha vida pessoal e profissional. E, finalmente, agradeço a minha professora orientadora, Vaneide Lima Silva, por cada palavra de incentivo, orientação, paciência e dedicação no decorrer da pesquisa, tornando-se amiga admirável durante toda trajetória acadêmica, tendo enorme contribuição nessa realização, pois fostes, és e sempre será referência para mim.

Enfim, concluo minhas palavras agradecendo a todos que sempre estiveram comigo nos momentos bons e nos difíceis, quando pensei que não conseguiria vocês me deram forças mostrando-me que eu era capaz, sou grata a todos que contribuíram para que esse sonho se realizasse.

“Quando eu falo em rei, falo, evidentemente no poder. Neste poder que está presente em todas as relações humanas, entre pais e filhos, entre empregados e empregadores, entre governados e governantes. Algumas pessoas me perguntam se as crianças são capazes de perceber as alusões, a simbologia, o sentido oculto de uma noção tão abstrata. Confesso que não me preocupo nada com isso.”

(Ruth Rocha)

RESUMO

Sabemos que a história da literatura infantil começou a ganhar destaque a partir do século XVIII. No Brasil surgiram os primeiros livros para crianças no final do século XIX. Ao tomarmos conhecimento da história da literatura infantil, percebemos que Ruth Rocha tem grande influência na história da literatura infantil brasileira. O contato recente com a obra dessa escritora motivou o interesse em ler mais detidamente seus livros, dos quais tivemos acesso às três narrativas que segundo a crítica integram a série dos reis: *O Reizinho mandão* (1997), *O Rei que não sabia de nada* (1980) e *O que os olhos não vêem* (1994). Objetivamos analisar esses livros e observar de que modo o poder é tratado em cada obra, buscando perceber e identificar a crítica que sutilmente a postura dos reis revela. Trata-se, portanto, de um estudo de crítica literária que se fundamenta na pesquisa de base bibliográfica, já que se fez necessário a realização de algumas leituras críticas de estudiosos que estudaram a obra da autora, bem como a leitura crítica sobre a narrativa voltada para o público infantil. Por isso, tomamos como referência básica estudos como Cunha (2003), Serra (2002), Silva e Rodrigues (2009), Turci e Silva (2006), Zilberman (2005), entre outros teóricos. A análise nos possibilitou constatar que as obras apresentam vieses críticos que nos permitem afirmar que os reis de Ruth Rocha representam a crítica a determinados tipos de poder. Esperamos, então, que o referido trabalho possa contribuir para futuras pesquisas que tratam sobre o aspecto abordado, que foi a relação do poder nas narrativas de Ruth Rocha.

Palavras-chave: Narrativa Infantil. Ruth Rocha. Poder.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 A NARRATIVA INFANTIL DE RUTH ROCHA.....	10
1.1 A NARRATIVA PARA CRIANÇAS: ASPECTOS TEÓRICOS.....	10
1.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A NARRATIVA DE RUTH ROCHA.....	13
2 A SÉRIE DOS REIS DE RUTH ROCHA.....	16
2.1 O REIZINHO MANDÃO.....	16
2.2 O REI QUE NÃO SABIA DE NADA.....	17
2.3 O QUE OS OLHOS NÃO VÊEM.....	19
3 CARACTERIZANDO AS RELAÇÕES DE PODER NA SÉRIE DE RUTH ROCHA.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

INTRODUÇÃO

Ao estudar o romance, o crítico Antonio Candido define o enredo como série de fatos e de personagens que vivem estes fatos. Tal definição de enredo se estende às narrativas de Ruth Rocha, uma vez que a leitura destas revela uma série de fatos que vão compor o enredo. Além dos acontecimentos, encontramos na narrativa infantil a presença de personagens que vivem situações conflituosas que acabam sendo resolvidas no final da história, se aproximando, nesse aspecto, da estrutura dos contos de fadas tradicionais, pelo menos nas que tratam dos reizinhos, este é um dos aspectos que chama a atenção, pois a autora inicia as narrativas com uma expressão que remete para o “Era uma vez”, típico daquele gênero literário. Em *O reizinho mandão*(1997), temos o seguinte: “Eu vou contar pra vocês uma história que o meu avô sempre contava”. Já em *O que os olhos não vêem*(1994), a autora inicia a história da seguinte maneira: “Havia uma vez um rei/num reino muito distante” e em *O rei que não sabia de nada*(1980), a narrativa começa assim: “Era uma vez um lugar muito longe daqui”.

O modo como as histórias são iniciadas recupera a estrutura dos contos de fadas, numa demonstração clara de que a autora dialoga com a tradição da literatura infantil. A novidade é que a autora propõe, ao mesmo tempo, uma quebra na maneira tradicional de narrar: os reis vivem situações inusitadas, chegando a ser ridicularizados e possibilitando uma reflexão sobre as relações de poder vivenciadas por esses personagens que protagonizam as narrativas mencionadas. Desse modo, objetivamos analisar as narrativas que integram a série dos reis de Ruth Rocha procurando observar a maneira de como se estabelecem as relações de poder no enredo dessas histórias, bem como identificar a crítica que se evidencia por trás da ridicularização dos reis nas narrativas.

O trabalho se caracteriza como um estudo de crítica literária, portanto de base bibliográfica e se apoia em estudos como: Cunha (2003), Serra (2002), Silva e Rodrigues(2009), Turci e Silva (2006), e Zilberman (2005).

Três momentos estruturam o artigo: num primeiro momento “**A narrativa infantil de Ruth Rocha** fazemos uma breve apresentação dos elementos que são indispensáveis numa narrativa para crianças; abordamos ainda o valor da obra de Ruth Rocha e trazemos alguns comentários de autores que já estudaram a obra da

autora. No segundo tópico, intitulado **A série dos Reis de Ruth Rocha** trazemos um resumo de cada obra analisada: *O Reizinho mandão*, *O Rei que não sabia de nada*, e *O que os olhos não vêem*. Em seguida analisamos as relações de poder em cada obra, apontando a crítica social existente em cada narrativa, e a forma como a autora tratou esse poder diferente em cada uma delas.

Espera-se, então, que o presente trabalho contribua para a realização de futuras pesquisas, por propor uma análise da relação de “poder” presente nas obras supracitas de Ruth Rocha. Para tanto, ao longo da nossa pesquisa mostramos como a crítica se fazia presente nitidamente através da postura que os Reis revelavam.

1 A NARRATIVA INFANTIL DE RUTH ROCHA

1.1 A NARRATIVA PARA CRIANÇAS: ASPECTOS TEÓRICOS

A história da literatura infantil teve grandes momentos, mas foi por volta do século XVIII que ela começa a ganhar formas diferentes, pois nessa época as crianças começam a ser vistas como seres diferentes dos adultos, por apresentarem características e necessidades próprias. Aqui no Brasil os primeiros textos voltados ao público infantil datam do final do século XIX.

De acordo com Zilberman:

No começo, a literatura infantil se alimentava de obras destinadas a outros fins: aos leitores adultos, gerando as adaptações, aos ouvintes das narrativas transmitidas oralmente, que se convertem nos contos para crianças, ou ao público de outros países, determinando, nesse caso, traduções para a língua portuguesa. (ZILBERMAN, 2005, p. 18)

Verificamos, desse modo, que a literatura infantil brasileira não nasce pronta, ela vai sendo adaptada para as crianças e lapidada com as características próprias de uma nova literatura.

Segundo Cunha (2003) havia naquela época dois tipos de crianças com acesso a literatura: as que eram de classes mais privilegiadas liam os grandes clássicos, porém, as que eram desprovidas de poder liam ou ouviam as histórias de cavalaria. Essas histórias vão compor a gênese de uma literatura pensada para crianças.

Com relação à narrativa voltada para os pequenos leitores, vale salientar que alguns elementos são indispensáveis para despertar o interesse dos mesmos pela leitura, dentre eles estão o dramatismo e a movimentação, que segundo Cunha (2003) são de total importância na narrativa infantil. Para a autora, os escritores de narrativas infantis alcançarão mais sucesso se não inserirem em suas obras descrições e digressões longas, pois elas interrompem os fatos narrados, tendo-se então um resultado não almejado.

Cunha (2003) salienta, também, que em relação à linguagem e ao pensamento dos personagens da narrativa é importante ser inserido o discurso

direto, o qual, de acordo com ela, é mais favorável para as crianças, possibilitando a atualização das cenas, presenciando os fatos narrados e envolvendo mais o leitor. A autora acredita que quando o discurso direto for bem empregado, o diálogo consegue transmitir realidade ao cenário narrado.

Sabemos da grande importância do diálogo nas narrativas, uma técnica bastante usada pelos autores de narrativas infantis é o apelo ao leitor, fazendo com que ele sinta-se envolvido na narrativa, uma vez que o autor faz perguntas, dar respostas. Esse método de diálogo é muito atrativo para as crianças, pois ela percebe que o autor está de fato referindo-se a ela, possibilitando um interesse pela leitura mais aguçado.

Com relação às obras infanto-juvenis, Aranha apud Turchi (2009) ressalta que os autores devem despertar a criatividade, curiosidade e fantasia do leitor, tendo como objetivo na maioria das suas obras ensinar e mobilizar o leitor sobre determinado tipo de comportamento, incentivando como devem agir. Ainda em relação aos elementos da narrativa, os personagens são de fato muito importantes também, como por exemplo: o número, as características e as posições que as mesmas ocupam, são termos importantes a serem analisados dentro da narrativa, não podendo ser empregados com grande complexidade.

É importante ainda destacar que na narrativa destinada ao público infantil alguns termos não poderão faltar, e que os autores desse tipo de narrativa devem atentar se de fato as obras estão adequadas a esse público, uma vez que as narrativas para adultos abordam elementos e temáticas totalmente diferenciadas. Acerca disso, Cunha afirma:

O desenvolvimento de uma história para crianças será forçosamente diferente do que uma narrativa para adultos. É claro que a criança vem acostumando-se aos poucos aos processos narrativos de televisão e do cinema, mas nestes a imagem e outros processos ajudam a criança a perceber mais facilmente mudanças mais complexas de planos narrativos. Por isso, vários processos usados num romance para adultos não podem ser empregados numa obra infantil, sob pena de tornar a narrativa inacessível a criança. (CUNHA, 2003, p.77)

Faz-se necessário, portanto, que a linguagem das narrativas seja simples, mas essa simplicidade não deve ser confundida com facilitação da linguagem ou tentativa de querer moralizar as crianças através da literatura, como muitos

autores objetivaram no início do século XX, verificando-se, em geral, um tom pedagógico nos textos dos mais variados gêneros voltados para o público infantil.

Para que o autor consiga alcançar maior engajamento do leitor nas obras Cunha (2003) acredita que os fatos devem ser narrados linearmente, obedecendo, um tempo cronológico e jamais tempo psicológico, pois como se trata de uma narrativa para crianças, optar por tempo psicológico pode dificultar o entendimento da criança e o objetivo a ser alcançado com a leitura da narrativa é distrair o leitor e tornar a história interessante.

Para que essa narrativa seja interessante, é necessário que ela apresente um desfecho feliz: os personagens podem até enfrentar problemas, mas no final tudo deve ficar bem, pois se para os adultos lidar com desfechos trágicos é difícil para a criança não é nada fácil, nem interessante, pois são seres muito sensíveis emocionalmente, e qualquer fato desagradável poderá atingir seu psicológico. Nesse sentido, Cunha afirma o seguinte:

Se o adulto é capaz de ler um livro ou ver um filme que acabe mal, sem deixar de apreciar o livro ou o filme, pelo aspecto puramente artístico, ou pela realidade da vida neles apresentada, tal se pode esperar da criança. Normalmente ela vive a história, identifica-se com a personagem simpática, e o final desagradável a feriria inutilmente. (CUNHA, 2003, p. 77).

Cunha (2003) ainda acrescenta que existem três fases na evolução psicológica das crianças, sendo elas: a fase do mito, que se dá entre crianças de (3/4 a 7/8) anos, a fase do conhecimento da realidade entre (7/8 a 11/12) é a fase do pensamento racional dos (11/12 até a adolescência). Segundo a autora a primeira fase é marcada pela presença da fantasia e do animismo, nela as crianças dão alma e vida aos seres vivos como também a seres não vivos, como exemplo, os objetos. Já na segunda fase a autora relata que a criança começa a ter conhecimento da realidade, interessando-se pelas ações das narrativas, valorizando os esforços dos personagens para vencerem as dificuldades enfrentadas, e por fim, a terceira fase onde a criança começa a ser um ser egocêntrico, que se preocupa mais com ele e sua relação com próximo.

Com relação às fases apontadas pela autora supracitada, podemos perceber que todas elas motivam as crianças a determinado tipo de narrativa, os tipos

variando de acordo com as idades nas fases citadas, mostrando que são de acordo com as idades que as crianças dão preferência a tal leitura.

Ainda traçando definições sobre os elementos indispensáveis na narrativa infantil, Borba apud Serra(2002, p. 80) ressalta que uma boa narrativa deve ter como objetivo transmitir arte ao invés de ensinar, levando o leitor a formular perguntas, fantasiar, fazer indagações, a mesma menciona que a boa narrativa leva o leitor a não parar de ler, e continuar descobrindo acontecimentos inesperados a procura de emoções. A autora afirma que: “A boa leitura os fará pensar, questionar, decifrar, interrogar e, depois de nos exigir algum esforço, nos fará sair dela diferentes, transformados de alguma forma”

Diante disso, após discutimos sobre os diversos elementos que são indispensáveis na construção de uma boa narrativa infantil, podemos perceber a grande importância que cada elemento citado anteriormente desempenha dentro da narrativa. Enfatizamos que cada elemento desperta um efeito no leitor e que a ausência de alguns termos pode torna a leitura pouco interessante para a criança no ato da recepção da narrativa.

1.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A NARRATIVA DE RUTH ROCHA

Ruth Machado Lousada Rocha nasceu em São Paulo, no ano de 1931. Se tornou bacharel em ciências políticas e sociais e fez Pós-Graduação em orientação Educacional. É escritora de obras infantis e juvenis, alcançando destaque no século XX. Já escreveu mais de 130 livros que estão percorrendo o mundo e foram traduzidos para mais de 25 idiomas. Em suas obras a autora inseri a criança ao meio social, abordando temáticas relacionada a sociedade, como questões políticas, corrupções, entre outras.

A crítica em geral costuma dizer que a autora começou a escrever suas obras num período em que o Brasil enfrentava a ditadura militar, período em que o povo foi perdendo o direito de protestar pelos seus direitos, perdendo a liberdade de expressão, pois o governo tinha domínio sobre o povo.

Diante desse contexto, escritores como Ruth Rocha começaram a escrever suas obras se voltando para essas questões, recorrendo a metáforas que denunciam os problemas sociais, como Ruth Rocha. Em relação a isso, Riche argumenta:

Os fatores sociais, políticos e econômicos tiveram razoável influência nas prioridades estabelecidas pelos intelectuais e artistas. O autoritarismo político, a interferência do Estado nos diversos níveis sociais gerou insatisfação e desconfiança nos meios intelectuais. Impedidos de debater livremente. Os escritores recorrem à literatura para, através de metáforas e símbolos, falar do real (RICHE, 1985, p.113).

Percebe-se por meio da afirmação do autor acima citado, que as obras dessa época, assim como as de Ruth Rocha, realmente eram marcadas por críticas ao regime militar da época, visto que a autora fazia isso em suas obras ao utilizar o autoritarismo.

Segundo Silva (2008) Ruth Rocha apresenta um perfil de autora crítica, pois faz uso do humorismo e de uma linguagem bem próxima do leitor para apresentar os problemas sociais e políticos que a sociedade enfrentava. Observe:

Acreditamos que boa parte da empatia, quase mágica, que o texto dessa autora estabelece com o leitor, origina-se em dois elementos-chave. Em primeiro lugar, na linguagem utilizada, que é solta, coloquial, desprovida de artificialismos, muito próxima à do leitor, estabelecendo, por isso mesmo, um clima de cumplicidade entre narrador e ouvinte. Em segundo lugar, no olhar crítico com que a autora analisa e descreve situações e personagens, convidando o leitor a, ele mesmo também, analisar, criticar, julgar os fatos, numa postura mudancista, que rejeita o estabelecido e aposta no novo (SILVA, 2008, p.184).

O coloquialismo da linguagem favorece, desse modo, a aproximação com o leitor em formação a criança fazendo com que ela sinta-se envolvido na narrativa e faça suas avaliações, posicionando-se como ser crítico na sociedade. As obras de Ruth Rocha, portanto, podem ser lidas e compreendidas tanto por crianças como por adultos.

Segundo Cipolini (2010) “neste ambiente ditatorial, suas obras representavam seus questionamentos diante das situações vividas, seu descontentamento com as injustiças do período militar, com a censura”. Desse modo, podemos dizer que a autora se mostra insatisfeita com a ditadura militar e se utiliza das obras para criticar esse regime.

Em relação a linguagem da obra de Ruth Rocha, Aranha apud Silva (2009) afirma que a autora introduziu em suas obras o “abrasileiramento da língua”, fazendo com que a linguagem se aproxime do universo do qual faz parte o leitor.

A crítica enfatiza ainda que autora faz uso das palavras em caixa alta e sinais de pontuação como reticências e ponto de exclamação, com o objetivo de chamar atenção do leitor juvenil. Outro aspecto bastante usado pela autora é o uso de provérbios nas narrativas.

Sobre o caráter crítico presente em sua obra, vale a pena lembrar o que Zilberman afirma:

Ruth Rocha vale-se de uma alegoria para representar o Brasil dos anos 70, dominado por um regime autoritário que calava a oposição e que buscava encontrar meios de expressão para furar o bloqueio da censura e da repressão. Não quer dizer que o livro tenha ficado dotado ou que, hoje, não tenha sentido, uma vez que a livre manifestação das ideias e da arte está com frequência sob ameaça dos meios de controle, não necessariamente os policiais: os controles podem estar corporificados no aumento do número de mecanismo de fiscalização, bem como seu aperfeiçoamento tecnológico.(ZILBERMAM, 2005, p.61).

Talvez esteja nesse aspecto um dos valores da obra de Ruth Rocha. Apesar de criticar a ditadura militar, sua obra continua atual, uma vez que ainda se faz necessária a motivação do povo brasileiro no sentido de se mobilizar para lutar por seus direitos. Nesse sentido, ainda se faz importante ler Ruth Rocha.

Aranha apud Silva (2009, p.214), ainda em relação a linguagem empregada nas obras de Ruth Rocha, chama a atenção para o seguinte aspecto: “[...] percebe-se o uso de ‘a gente’ no lugar do pronome ‘nós’, a contração da preposição ‘pra’ ao invés de ‘para’, a presença do discurso direto, o uso do ai, entre outras expressões coloquiais”, são utilizados pela autora com a finalidade de aproximar seus textos dos leitores. Desse modo, Ruth Rocha parece conduzir seu leitor a refletir sobre sua postura no meio em que vive, atuando na sociedade como um ser crítico. Acreditamos ser valiosa a leitura de suas obras, inclusive no contexto escolar.

2 A SÉRIE DOS REIS DE RUTH ROCHA

Segundo a própria escritora Ruth Rocha, ao apresentar o livro *Sapo vira rei vira sapo* ou *A volta do Reizinho Mandão*, este é o livro quarto de uma série que começa com *O Reizinho Mandão*, prosseguiu com *O Rei que não sabia de nada*, *O que os olhos não vêem* e se encerra com esta quarta narrativa.

O reizinho mandão, publicado em 1997, inicia a série e a história começa ao modo tradicional: com a apresentação do rei e sua caracterização, mas o rumo da narrativa muda porque o rei morre e o “filho do rei” assume o lugar dele. Vamos ao resumo desse enredo:

2.1 O REIZINHO MANDÃO

A narrativa inicia-se contando que em um lugar havia um rei muito justo e bonzinho que fazia de tudo para agradar ao seu povo, mas esse rei já estava muito velho e um dia faleceu. Sendo assim, seu filho virou rei daquele lugar.

Com o posto de rei, o novo reizinho começa a assumir seu reinado: de início já começa a ficar muito chato, mandão e teimoso, pois, queria mandar em tudo que acontecia no reino. Passou a criar várias leis para que todos obedecessem, leis essas que chegavam a ser as mais absurdas já vistas, como por exemplo: “proibido cortar a unha do dedão do pé direito em noite de lua cheia!” O reizinho adorava criar essas leis, para ele era uma diversão. Essa postura de mandar em tudo não agradava ao povo. Por isso os conselheiros do rei tentavam ajudá-lo, aconselhando-o para que ele não agisse dessa forma. Mas o reizinho mandão não escutava ninguém, mandava todo mundo calar a boca, e dizia que ele era quem mandava em tudo, pois ele era o rei.

Com essa postura mandona do reizinho, as pessoas foram se calando e ficando cada vez mais quietas, pois todo mundo tinha medo do reizinho. Até que um dia o rei percebeu que ninguém mais sabia falar: o reino ficou completamente em silêncio. De início o reizinho gostou, porque ninguém mais iria interrompê-lo, apenas seu papagaio de vez em quando repetia o que ele falava: “cala a boca” era apenas o que se ouvia. Mas com o passar dos dias o reizinho foi se cansando de todo aquele silêncio e tentou convencer as pessoas a voltarem a falar. Ficava furioso e começava a gritar as pessoas, mas nada funcionava, todo mundo naquele reinado

havia perdido a fala de verdade. Foi então que ele percebeu o que ele havia feito com seu povo e ficou muito triste. Resolveu então pedir ajuda no reinado vizinho.

Chegando até lá ele percebe que tudo naquele reino era diferente: as pessoas cantavam, dançavam e conversavam, totalmente diferente do seu reino, no qual todo mundo havia perdido a fala. Então ele encontra o sábio daquele reino e pede ajuda. O sábio explica a ele que ser rei não é tarefa fácil, temos que tomar decisões com sabedoria, pois cada decisão tem suas consequências e aquele problema que ele enfrentava era fruto de suas decisões. O sábio diz o que ele tem que fazer para que tudo volte a ser como antes: devia procurar uma criança no reino que não saiba falar. Então o reizinho, cumprindo ordens do sábio, volta para o seu reino e procura a criança por toda parte, até que a encontra. No momento que a criança fala todo o reino volta a ser como antes - as pessoas começam a falar, cantar, dançar, gritar e rir. O reizinho não suportou tanto barulho e saiu correndo. Não se sabe exatamente qual foi o desfecho do reizinho mandão: uns dizem que ele fugiu e nunca mais voltou; outros dizem que quando o encanto do reinado se desfez ele virou sapo.

2.2 O REI QUE NÃO SABIA DE NADA

O rei do lugar dessa história é “muito diferente dos reis que andam por aqui”. Os ministros desse “rei” são os responsáveis pela diferença, mas a caracterização deles evidencia a ironia na história, pois eles não são nada diferentes dos ministros reais, não se preocupando, portanto, com a vida do povo: a máquina é colocada para tratar da vida das pessoas, substituindo o lugar dos ministros. Mas a máquina começa a dar problema e o rei não fica sabendo de nada e vai se revelando ao longo da história como alguém, ou melhor, um rei que, encastelado, não toma conhecimento da realidade do seu povo. O seu distanciamento do povo põe em evidência a crítica da autora ao poder do rei, que é também ridicularizado quando é substituído pela máquina. Vejamos uma descrição do seu enredo.

Nessa história temos a trajetória de um rei que tinha uns ministros fingidos, que viviam inventando para o rei que trabalhavam, mas na verdade não faziam absolutamente nada. Certo dia, apareceram uns cientistas com uma máquina que eles haviam inventado, alegando que a máquina fazia de tudo, todas as funções desempenhadas na sociedade a máquina executava perfeitamente, era o que os

cientistas garantiam. Sabendo disso, os ministros acharam essa máquina perfeita e resolveram levá-la para apresentar ao rei, que achou a máquina fantástica, pois resolveria todos os seus problemas.

No início a máquina começou a tomar conta de tudo, até mesmo das pessoas, das coisas e dos bichos. E resolvia tudo com maior perfeição, só que essa máquina não era diferente das demais: começou a dar problemas e nada era feito para solucionar os defeitos. Os ministros simplesmente escondiam do rei o que estava acontecendo, fazia ele acreditar que tudo estava bem. Sempre que o rei decidia sair do castelo eles só o levavam para os lugares que a máquina estava executando as tarefas certas, onde tudo estava lindo; aqueles lugares que estavam em estado de calamidade, pois a máquina não mandava chuva, nem plantava e as pessoas estavam passando fome, os ministros escondiam, do rei, aquela situação lamentável.

Certo dia o rei resolve ir a um determinado lugar onde a máquina não estava trabalhando corretamente. Então os ministros resolvem dar um jeito para que o rei não percebesse como aquele lugar estava feio e afetado pela seca e de como as pessoas estavam fragilizadas.

Os ministros decidem colocar no caminho do rei algumas telas pitadas com paisagem lindas, cobrindo a devastação pela seca e contrataram pessoas para jogarem flores no rei, fazendo-se acreditar que tudo estava perfeitamente bem. No início dá certo, mas depois as telas começam a cair e o rei percebe que as coisas não iam nada bem e que os ministros estavam o tempo todo o enganando.

Percebendo tal problema enfrentado pelo povo, o rei fica muito triste e resolve saber o que se passava: desce da carruagem e vai até uma casa próxima. As pessoas não o reconheceram, então ele se diz ser um estrangeiro e começa a perguntar o que havia acontecido. As pessoas começam a contar que o rei estava sendo enganado pelos ministros e que isso não poderia ficar assim, ele teria que saber tudo que se passava com seu povo. Então o rei revela aquela família quem ele era de fato e que queria consertar os erros cometidos mandando todos aqueles ministros embora. A família se dispõe a ajudá-lo e juntamente com as demais pessoas resolveram o problema. Como combinado, todos se juntam, resolvem o problema da máquina e continuam trabalhando. Felizes, o rei se alegou muito com as atitudes tomadas pelo seu povo.

2.3 O QUE OS OLHOS NÃO VÊEM...

Nessa narrativa a história começa mudando também a estruturação tradicional: aqui o rei adoece; a doença é esquisita: ele não enxergava os pequenos; as pessoas que convivem com o rei adquiriram a sua doença. Interessante é que a partir do momento que o povo é desprezado fica explícita o caráter negativo que marca a postura do rei, ou seja, nessa narrativa o rei também é diferente do rei das tradicionais narrativas esse é o traço inovador da obra de Ruth Rocha.

O povo começa a se dar conta que tinham que encontrar a solução para a falta de reconhecimento em que se encontrava. Percebemos que a autora dá voz ao povo, que socialmente é marginalizado. Essa parece ser a estratégia para criticar o poder, uma vez que o povo é que dá o exemplo de como governar. Conheçamos mais detidamente o seu enredo.

O Rei está com uma doença muito esquisita, pois só conseguia enxergar as pessoas grandes e fortes que falassem alto; as pessoas que eram pequenas e falava baixinho ele não conseguia escutar. Mesmo percebendo todo problema, o rei não fazia nada para que esse problema fosse resolvido. A doença foi se espalhando e todos que conviviam com o rei acabaram perdendo a visão.

As pessoas começaram a ser desprezadas e o rei, como não via, estava sempre muito contente, pois, “o que os olhos não vêem o coração não sente”. Diante de tal situação, as pessoas resolveram tomar uma decisão: ir até o rei para falar da situação. Reuniram-se todos, discutiram, planejaram e resolveram montar em pernas de pau para que o rei pudesse enxergar. Chegando lá, uma multidão se aproxima do castelo e o rei fica apavorado, pois nunca tinha visto tanta gente.

Assustados ao ver tanta gente, os ministros, barões, nobres e toda a gente que convivia com o rei começam a fugir da cidade, e o rei, muito apavorado, foge juntamente com os demais e nunca mais se teve notícia dele. Mas os moradores ainda possuem guardadas suas pernas de pau, pois estarão prevenidos caso o seu reino volte a cegar novamente.

3 CARACTERIZANDO AS RELAÇÕES DE PODER NA SÉRIE DE RUTH ROCHA

Os enredos das narrativas apresentadas giram em torno da figura de reis onde alguns são autoritários, mandões e chatos que criam leis absurdas que deveriam ser obedecidas por todos, povo, a quem o direito de viver bem, dignamente, era negado. Apenas eles, os reis, tinham razão e não aceitavam críticas nem questionamentos, a eles só competiam mandar.

Se tomadas como representação de um determinado estado político de nossa sociedade, as narrativas podem muito bem ser lidas e encaradas como bastante atuais. Nesse sentido, incorporaria a figura do dominador, as autoridades políticas brasileiras, sobre o dominado, a sociedade brasileira, que impõe leis absurdas e o povo simplesmente tem que aceitar, passivamente.

Dessa maneira, identificamos na obra um tom de denúncia, uma crítica social aos poderes estabelecidos na sociedade, mais especificamente, é claro ao modelo político da época em que as narrativas foram publicadas. A esse respeito, Ciciliato apud Turchi afirma:

As situações de tensão e conflito por que passam os personagens infantis representam a realidade vivida por muitos brasileiros daquele momento histórico, o que significa dizer que essas narrativas podem ser tomadas como uma forma de protesto contra o modelo político-social implantado pelo regime militar, traduzindo, tanto pela temática quanto pela forma de expressão, a resistência dos escritores à ideologia dominante no momento. (TURCHI, 2006, p.155).

Segundo a autora, Ruth Rocha é uma escritora que por meio de suas obras fazia denúncias contra o modelo político da época. Em *O reizinho mandão* ela deixa explícito como o poder muda o ser humano. O príncipe, quando vira rei e ganha poder, muda sua postura e torna-se um ser autoritário, tentando passar por cima de todos. No decorrer da narrativa, a todo tempo o rei esta sobre o domínio do povo, não aceitando críticas, nem questionamentos, enfim, mandando todos se calarem, pois alega que ele é o rei e ninguém pode ir contra ele.

Chega um momento em que todos do reinado perdem a fala e o rei entra em desespero. Neste momento, a história nos leva a pensar que o poder não é tudo na vida do ser humano, necessitamos do próximo para viver bem em sociedade. Dito

isto, a autora coloca em xeque a necessidade de as pessoas se manifestarem contra a repressão, não aceitando tudo que nos é imposto.

É importante destacar que quando o rei procura ajuda para solucionar o silêncio do povo, percebemos então que o povo é a solução, a partir do momento que ele volta para o reino e encontra uma criança que contradiz o que ele fala, quando ele manda ela calar a boca a mesma não o obedece e o feitiço do reinado é quebrado, todas as pessoas começam a falar, cantar e gritar. O rei termina apavorado quando percebe tudo aquilo, ou seja, que as pessoas não temem mais a ele.

Vale destacar que o gesto de silêncio da população faz referência a toda a população brasileira que enfrentava a ditadura militar, quando as pessoas não podiam se expressar, sendo permitido apenas aceitar as ordens que eram impostas. Porém, quando se une, o povo demonstra transformar a realidade, evidenciando a lição de que não devemos nos calar diante das limitações impostas pelas forças políticas em vigência. Afinal, toda imposição infringe a liberdade de expressão. O poder ditatorial de *O reizinho mandão* constitui a principal denúncia verificada na obra de Ruth Rocha.

Percebemos nesta obra, que apesar de todos os problemas que o povo enfrentava, se mantinham calados ninguém tinha coragem de enfrentar o rei e lutar pelos direitos de cidadãos. No momento em que a garotinha questiona o rei, sobre os seus erros: “Muito bonito, não é, seu rei? Que papelão, ein! E agora? O que é que Vossa Reizência vai fazer?” (ROCHA, 1980). Acontece neste momento a quebra do medo em enfrentar o temido rei. Assim, a autora nos mostra através do comportamento da garotinha Cecília que se todos tivessem a coragem que ela teve em enfrentar o rei, a sociedade seria um pouco diferente, pois não devemos nos calar diante de situações que não são corretas, nem devemos aceitar tudo que a sociedade nos impõe.

Na narrativa *O Rei que não sabia de nada* a relação de poder se á um pouco diferente, pois nela o rei não é caracterizado como um ser autoritário. O poder dominante sobre a classe dominada (a sociedade) aqui é exercido pelos ministros, que descobrem uma máquina e a colocam para executar as funções que deveriam ser exercidas por eles, por isso convencem o rei a comprar a máquina.

Vimos que com o passar dos dias a máquina começa a dar problemas e algumas pessoas do reino passam a enfrentar dificuldades. Como o rei confiava

totalmente nos ministros, estes escondiam a real situação do reino, e ele achava que tudo estava indo bem.

Concordando com Ceciliato apud Turchi (2006), cremos que essa máquina que controlava tudo e tinha domínio sobre todo o reino, pode ser comparada ao regime da ditadura militar, que controlava a vida e as atitudes do povo brasileiro. segundo a autora acima citada: “[...] de todos os escritores, quem mais veementemente fez crítica ao sistema político do período foi, sem dúvida, Ruth Rocha”.

Assim, torna-se perceptível que a autora dessas narrativas é crítica e engajada em causas políticas, sociais e culturais, inserindo em suas obras seu posicionamento. Ruth Rocha consegue mostrar para as crianças, fazendo uso de uma linguagem irônica e humorística, que o governo e o povo são opostos, que há sempre dois lados, um impõe ordens e o outro obedece, deixando explícito na obra sua crítica social destinada ao regime militar da época em que a escritora escrevia as narrativas. Ainda segundo Ceciliato apud Turchi:

Ainda dentro dessa tendência de crítica social, mais inovando pela incorporação da alegoria como forma de apresentação da realidade brasileira e pela presença da oralidade, da linguagem coloquial própria da infância, um outro grupo de obras infantis do período denuncia os desmandos do poder político, figurando a alegoria das histórias também como uma denúncia velada, uma forma de resistência ao sistema implantado pela ditadura militar. (2006, p. 155)

Na terceira narrativa de Ruth Rocha que integra o *corpus* de nossa análise também se verifica essa crítica àqueles que dominam as classes mais desfavorecidas de poder, na medida em que a autora nos apresenta um rei cego. Em *O que os olhos não vêem* temos um rei que possui uma doença: ele enxerga somente as pessoas altas que falassem forte; as que fossem baixinhas e falassem baixo, mal vestidas, o Rei não enxergava, numa possível referência a duas classes sociais: altos (ricos) baixos (pobres).

Com essa doença do rei as pessoas que eram baixas, mal vestidas, foram ficando esquecidas, não tinha nenhum valor para sociedade. Algumas pessoas também adquiriram a doença do Rei e o caso foi se agravando. Insatisfeitas com o que estava acontecendo, alguns decidiram ir ao palácio do Rei protestar a favor dos seus direitos, mas como o Rei só conseguia ver pessoas altas, tiveram a idéia de

irem montados em pernas de pau, pois, desse modo, ficariam altas e assim poderiam ser vistas

Tomada a decisão, todos saem montados em pernas de pau até o reino. No momento em que o rei avista aquela multidão, fica apavorado e foge do reino. Nunca mais se teve notícias dele. A autora nos mostra mais uma vez que unidos o povo consegue solucionar os problemas e que uma sociedade individualista não obtém sucesso. Também se evidencia a ideia de que por mais difícil que seja determinado problema, este precisa ser enfrentado, ou seja, não devemos jamais desistir diante da dificuldade e que acima de tudo, o povo, unido, pode fazer a força.

Após fazermos esta análise, podemos dizer que Ruth Rocha é uma escritora de punho crítico e que suas obras são até hoje importantes para o leitor em formação, o qual, em contato com as narrativas, tem a oportunidade de se posicionar e tomar decisões. Sendo assim, as obras funcionam como elemento indispensável de reflexão e conhecimento, devendo, portanto, figurar nas prateleiras das salas de leitura de nossas escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das narrativas que integram a série dos reis de Ruth Rocha nos permite afirmar que a autora mostra a realidade do povo brasileiro, especialmente a sociedade que enfrentava o período da ditadura militar, refletindo a insatisfação a opressão das classes dominadoras que atuam sobre a classe dominada.

A autora mostra ao termino de cada narrativa que o melhor a se fazer é unir-se contra as injustiças e que se não houver união a solução para os problemas não acontecerão. A crítica ao sistema político da época se revela por meio de uma linguagem marcada pelo tom humorístico com que ela retrata o rei em algumas situações, possibilitando reflexão e diferentes níveis de leitura, de modo que sua obra pode ser apreciada por crianças e pessoas de todas as idades, sem deixar de distrair o leitor.

Após a análise das obras de autoria de Ruth Rocha que enfatizamos neste trabalho, percebemos que as mesmas contribuem para o leitor em formação e para os leitores que já concluíram esse processo de formação, mas que sempre estão aptos a adquirirem conhecimentos, pois suas obras permitem ao leitor fazer reflexões e perceber como a autora trata dos problemas da realidade, mostrando como devemos agir e levando o mesmo a refletir sobre sua postura como ser crítico na sociedade.

ABSTRACT

We know that the history of children's literature began to gain prominence from the eighteenth century. In Brazil the first children's books appeared in the late nineteenth century. When we learn about the history of children's literature, we realize that Ruth Rocha has a great influence on the history of Brazilian children's literature. The recent contact with the work of this writer motivated the interest in reading her books more closely, of which we had access to the three narratives that according to the critics are part of the series of kings: *The Rebord Boss* (1997), *The King who knew nothing* (1980) and *What the Eyes Do not See* (1994). We decided to analyze these books trying to observe how the power is treated in each work, seeking to perceive and identify the criticism that subtly the posture of the kings reveals. It is, therefore, a study of literary criticism that is based on bibliographical research, since it was necessary to perform some critical readings of scholars who studied the author's work, as well as a critical reading about the narrative aimed at (2000), Silva (2002), Silva and Rodrigues (2009), Turci e Silva (2006) and Zilberman (2005), among other theorists. The analysis made it possible for us to verify that the works are critical, which allow us to affirm that the kings of Ruth Rocha represent the critique of certain types of power. We hope, therefore, that this work may contribute to future research that deals with the aspect addressed, which was the relationship of power in Ruth Rocha's narratives.

Keywords: Child Narrative. Ruth Rocha. Power.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Luciene Batista. **O Mistério do Caderninho Preto de Ruth Rocha: o utilitarismo continua?**.apud SILVA, Márcia Tavares; RODRIGUES, Etiene Mendes. **Caminhos da Leitura Literária: Propostas e Perspectivas de um encontro**. Campina Grande: Bagagem, 2009.

BORBA, Marisa. **A Leitura de bons livros da literatura: reflexões e vivências**. apud SERRA, Elizabeth D'Angelo. **Ler é preciso**. São Paulo: Global, 2002.

CECILIANO, Neuza. **Golpe Militar e resistência: a representação do povo na narrativa infantil de 1970**. Apud TURCHI, Maria Zaira. **Leitor formador: a leitura em questão**. São Paulo: Cultura, 2006.

CIPOLINI, Thaís Otani. **Ruth Rocha: tramas de histórias e história entrecruzadas**.2010. Disponível em:http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdfsm08ss03_02_pdf

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **A narrativa para crianças**. São Paulo: Ática, 2003.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: história e situação atual**. São Paulo: Ática, 2003.

RICHE, Rosa Maria Cuba. **As histórias de reis e o questionamento ideológico de Ruth Rocha**. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br>

SILVA, Vera Maria T. **Literatura Infantil Brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. Goiânia: Cênone Editorial, 2008.

ZYLBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.